

RESENHA DO LIVRO

SCHERER, Burkhard (Organizador). *As grandes religiões: Temas centrais comparados*. Vozes: Petrópolis, 2005. 184p. Tradução do alemão de Carlos Almeida Pereira, com apresentação e adaptação da edição brasileira de Volney J. Berkenbrock.

O livro apresenta 73 temas centrais comparados das cinco grandes religiões da humanidade: judaísmo, cristianismo, islamismo, hinduísmo e budismo. Divide os temas em 5 grandes capítulos: história, doutrina, ética, sociedade e vida prática. Cada tema é abordado de maneira sucinta nas 5 religiões, formando uma espécie de verbete com as informações centrais.

Trata-se de um livro formativo e informativo. Formativo porque forma opinião, em vista de uma aproximação positiva às grandes religiões da humanidade. Informativo porque apresenta muitos dados para conhecer cada uma dessas religiões. Dado o seu caráter didático e enciclopédico, o livro não pode aprofundar especificamente nenhum tema. Informa, porém, sobre todos os aspectos importantes para o conhecimento básico a respeito das religiões universais.

Cada religião é apresentada através de seu símbolo típico, repetido nas 73 vezes em que a religião é mencionada (são de fato 73 temas, não 75, como menciona a apresentação). Os mesmos símbolos, por sinal, ilustram a capa do livro. Curiosamente a explicação dos símbolos só é dada no final, no último tema que se refere exatamente aos “símbolos” (p. 175-177). No prefácio (p. 10) uma breve explicação descreve esses símbolos usuais das grandes religiões. O símbolo do judaísmo é o candelabro de sete braços, a *menorá* dos tempos bíblicos. Do cristianismo não podia ser outro senão a cruz. Do islamismo é o texto escrito da profissão de fé ou do nome de Deus. Do hinduísmo é a sílaba OM estilizada. E do budismo é a roda da doutrina com oito raios.

Segue-se uma síntese mínima de cada tema do livro, conforme a divisão de seus assuntos ou capítulos.

História

A abordagem da história das grandes religiões no mundo não é tarefa fácil. Por um lado nem sempre há dados históricos precisos. Por outro, a metodologia do livro impõe o caráter superficial. Desses dois limites se ressentem o capítulo relativo à “história” (p. 13-31).

“Fatos” históricos relativos à origem das religiões da humanidade, por si mesmos, se confundem, muitas vezes, com mitos e hipóteses. Assim sendo, poder-se-ia perguntar se de fato a origem do judaísmo se dá com a família de Taré. A mesma dificuldade se es-

tende à figura do “fundador”, como Abraão, Jesus, Maomé, Buda, ou de nenhum fundador, como no caso do hinduísmo. Os “escritos sagrados” englobam a Bíblia hebraica e outros livros do judaísmo, a Bíblia cristã em grego, o Alcorão em árabe, os Vedas em sânscrito e o *Theravada* do budismo em língua páli. A “história” aborda de maneira sucinta a história e a historicidade de cada religião. A referência às “escolas” expõe a visão sobre a riqueza e diversidade de correntes religiosas dentro de cada grande denominação. Em seguida aparece a visão de cada religião sobre seus “santos”, embora sem explorar o conceito de santidade. “Tradição” é outra realidade que caracteriza cada uma das religiões. Todas sofrem, igualmente, processos de “reforma”.

O capítulo sobre a “história” inclui uma exposição sucinta e conclusiva sobre as cinco grandes religiões “...no Brasil” (p. 31-36), que substitui a parte original sobre a “história... na Alemanha”. Essa parte relativa à presença das religiões no Brasil merece destaque especial. É feita com clareza, brevidade e precisão. As informações atuais, baseadas no censo do ano 2000, transmitem os dados mais importantes e complementam as informações históricas.

Doutrina

O capítulo mais longo do livro trata da “doutrina” das religiões (p. 37-90). De maneira genérica se assemelham as doutrinas das três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo por um lado, e por outro as religiões da cepa cultural hindu, hinduísmo e budismo.

O capítulo começa com uma síntese muito bem elaborada das “doutrinas básicas” de cada religião. Também sintetiza sua “meta de salvação”. O “Deus” de cada uma é explicado, embora nem sempre nomeado. Seguem-se conceitos básicos, como “o homem”, “o sagrado”, “mundo”. Passa a elemento curioso, constante nas várias religiões, sob o título “anjos – demônios”. Um tema de particular interesse e atualidade é o da “deusa – mulher santa”, em vista da superação do machismo e da imagem do deus masculino. “Revelação”, “verdade” e “predestinação” dão seqüência aos temas doutrinários. “Alma” e “espírito”, conceitos semelhantes e comparáveis, poderiam ser objeto de polêmica pela dificuldade em conceituá-los e defini-los. Igualmente polêmicos, mas importantes, são “morte”, “renascimento”, “além” e “fim do mundo”, por serem realidades com as quais qualquer sistema religioso se defronta. Igualmente intrincado é o tema do “sofrimento”, com perguntas desafiadoras e respostas originais. “Justiça-graça” são tratados como temas complementares, porque, de acordo com todas as religiões, é impossível ser justo sem o favor divino. A “fé” também é comum às diversas religiões, embora tenha aspectos distintos no hinduísmo e budismo. Igualmente “libertação” existe em todas as religiões, com diferentes matizes. A “filosofia” em geral desenvolve aspectos da teologia, criando porém sua própria autonomia. O tema “doutrinas secretas” se confunde com o conceito de mistério e nessa mesma ótica é tratado. Da mesma forma o título “lendas” veicula um conceito negativo em português e soaria melhor como mitos ou parábolas, realidades comuns aos vários sistemas religiosos. A “mística”, tão importante para as várias religiões, torna-se um dos melhores

veículos para o diálogo com a divindade e entre as pessoas das diversas religiões. Conclui este capítulo uma boa síntese sobre a “interpretação da escritura”, sendo comum aos vários textos sagrados a tensão entre o significado do texto em si e os diversos métodos de interpretação.

Ética

No capítulo sobre “ética” (p. 91-117) são apresentados aspectos fundamentais da vida humana e a forma como cada religião lida com os mesmos.

A “ética” judaica se resume no refrão “aquilo de que não gostas, não o faças a ninguém”; a cristã nos valores básicos para a convivência dos seres humanos como imagem e semelhança de Deus; a islâmica no equilíbrio da convivência total, conhecido como justiça; a hinduísta no agir em consonância com a própria posição no todo; a budista no comportamento em busca da iluminação.

“Bem e mal” são conceitos éticos reconhecidos nas diversas religiões, em vista da distinção do comportamento humano. Quanto ao conceito de “liberdade” nenhuma religião se distancia muito da outra. “Amor” está na base de todas as propostas religiosas. “Pecado” tem matizes diferenciados numa e noutra. “Mandamentos” são inerentes a todas, com algumas pistas fundamentais de ação. “Ascese” é forma de cultivar a própria vida, geralmente frisando a atitude de pobreza. “Violência” é realidade histórica de algumas religiões e, embora todas se declarem pacifistas, de fato não justificam guerras santas o hinduísmo e o budismo. “Matar” traz a proibição de todas as religiões de atentar contra qualquer forma de vida. “Sexualidade” e “homossexualidade” são dois temas correlacionados, com abordagem positiva e desenvolvimento atualizado, principalmente o segundo, por entrar numa polêmica dos dias atuais. “Drogas” é o tema conclusivo deste capítulo, com a conseqüente proibição de seu uso pelas diversas religiões.

Sociedade

O capítulo sobre “sociedade” (p. 119-144) lança temas desafiantes e atuais da convivência humana à luz das religiões universais.

Começa com o panorama religioso sobre “política”. “Posição da mulher”, um assunto sempre polêmico na visão religiosa, vem à tona de maneira crítica e atual. “Compromisso social” possui, da mesma forma, diferentes enfoques, mesmo sendo comum a todas as religiões. “Ciência” e “arte” mostram o incentivo religioso a tais aspectos do saber humano. “Mundo ambiente” apresenta um ótimo enfoque sobre a questão ecológica. “Autocompreensão” mostra como cada religião se vê, a partir dos seus próprios princípios. “Missão” ilustra um conceito próprio de algumas religiões. “Diálogo entre as religiões” traz o respeito e a convivência entre as crenças religiosas. “Fundamentalismo” representa outra dificuldade atual enfrentada por correntes ou setores religiosos das diversas vertentes, exceto o budismo. “Paz”, enfim, é o escopo de todas as religiões.

Vida prática

O capítulo sobre “vida prática” (p. 145-177) apresenta aspectos comuns à prática das diversas religiões.

“Comunidade de fé” define as diversas agremiações religiosas, que se autocompreendem em geral com a imagem do corpo. “Quem pertence à religião” esclarece o rito da pertença, como a circuncisão judaica, o batismo cristão, a pertença a uma família muçulmana, o nascimento numa classe indiana ou a busca da senda de Buda para a iluminação. “Clero” define a ordem espiritual de cada religião. “Oração”, “meditação” e “rito” demarcam as formas de relacionamento com a divindade. “Lugares sagrados” possuem importância, como a sinagoga judaica, a igreja cristã, a mesquita islâmica, o templo hindu ou a estupa budista. “Festas”, “peregrinações” e “festas anuais” completam os ritos festivos típicos de cada tradição. “Ao longo da vida” demonstra a função, comum a tantas religiões, de acompanhar todos os passos importantes de seus fiéis, do nascimento até a morte. “Penitência” é outra forma comum, para recuperar a pureza ou a santidade. “Prescrições sobre alimentação” sintetizam muito bem as prescrições e restrições alimentares de cada religião. “Vestes” são alguns distintivos típicos, tais como o xale com o cordão judaico, os paramentos cristãos, o véu muçulmano, o sari hindu ou o manto budista. Enfim, os “símbolos” explicam o elemento que identifica uma a uma as cinco religiões estudadas.

Autores

A segunda orelha do livro apresenta os autores, com suas fotos e dados biográficos resumidos. Do prefácio (p. 9), colhemos a síntese do engajamento de cada qual em sua especificidade.

“O setor do *judaísmo* foi assumido por último por Güngher Ginzler, há muitos anos engajado no diálogo judeu-cristão. Pelo *cristianismo* é responsável a pastora Inês Fischer, que trabalha há vários anos como teóloga feminista em busca de viabilizar o tríplice diálogo judeu-cristão-islâmico. Imama Halima Krausen, de Hamburgo, explica o *islamismo*. Como religiosa muçulmana, ela se encontra há anos engajada no diálogo islâmico-cristão e islâmico-judeu. Somente o *hinduísmo* não é apresentado aqui por um representante próprio. Um mestre de uma corrente única encontraria dificuldades para informar sobre o fenômeno do hinduísmo como um todo. Por isso, como budista praticante, eu (Burkhard Scherer) assumi também este setor. *Budismo* e hinduísmo muitas vezes aproximam-se bastante; assim vez por outra eu pude apresentar os pontos de vista de ambas as religiões em um único artigo”.

O responsável pela adaptação da obra ao Brasil é Volney J. Berkenbrock, doutor em Teologia pela Universidade Federal de Bonn, especialista em candomblé e professor de História das Religiões, Estudo Comparado das Religiões e Religiões Afro-brasileiras no programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

A dedicatória do livro é altamente significativa. “Dedicamos este livro à memória do Rabino Andréas Jonathan Hinz, que na noite de 2 para 3 de julho de 2002 morreu vítima de terrível e bárbaro crime” (p. 10).

Diálogo inter-religioso

O mérito principal da obra é sua contribuição ao diálogo inter-religioso. Além do engajamento de autores e autoras na causa do diálogo entre as religiões, as idéias veiculadas ao longo de todo o livro martelam nesta tecla, abrindo canais para a mútua compreensão. A apresentação em forma de “temas centrais comparados” permite perceber, com clareza, quanta proximidade existe, de fato, entre as diversas propostas religiosas. Sem esquecer as diferenças, o livro demonstra como, em sua proposta central, todas as religiões visam os mesmos fins.

A obra presta um grande serviço ao público brasileiro, num momento em que se faz tão urgente o conhecimento recíproco e a colaboração entre as religiões.

Obra didática

O livro tem uma apresentação clara e didática, o que permite localizar qualquer tema com facilidade. Além disso, um índice detalhado no final facilita ainda mais a consulta.

O estilo é deliberadamente acessível, tendo-se renunciado a um estilo por demais profissional, como se afirma no prefácio (p. 9).

A linguagem inclusiva leva em conta homens e mulheres. Por isso às vezes se encontram formas como cristãos/ãs ou cristãos e cristãs. Estranhamente, porém, o livro conserva o genérico “homem”, para referir-se a homens e mulheres. Essa é uma lacuna incompreensível, pois facilmente, na língua portuguesa, pode-se recorrer a termos inclusivos, como pessoa, gente, ser humano, homem e mulher.

A abreviação neutra a.n.e. para “antes da nossa era” substitui o tradicional a.C. “antes de Cristo”, por respeito a pessoas e religiões não cristãs.

O livro abre, enfim, inúmeras janelas para quem deseja aprofundar qualquer aspecto das grandes religiões da humanidade. Pode ser um ponto de partida para quem quer iniciar e um ponto de chegada para quem já está trilhando esta caminhada de ecumenismo e diálogo inter-religioso.

Valmor da Silva

Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
Professor no curso de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
da Universidade Católica de Goiás (UCG)